

Apropriação da Leitura e da Escrita

Elvira Souza Lima

(transcrição)

Nós estamos num momento de estatísticas não muito boas sobre a alfabetização no Brasil. Mas nós temos que pensar historicamente. Um fato bastante importante é que a escola é recente na história da humanidade. Ela tem menos de 5 mil anos e a escrita, também, é muito recente. Porém, é mais recente ainda a universalização da educação fundamental, que só começa a se tornar uma realidade a partir do século passado. Então, nós estamos aprendendo muita coisa. O Brasil está passando um momento, agora, que os outros países já passaram.

Nós temos que lembrar que a França, por volta das décadas de 40, 50 estava com mais de 40% de crianças em defasagem idade/série, ou seja, muitas crianças que não estavam aprendendo, se apropriando da leitura e da escrita.

É bom lembrarmos, também, que a escola é uma instituição de sucesso, porque ela garantiu que a escrita continuasse de geração em geração. Nós temos sucesso, também, na história na alfabetização, nós não estamos começando esta alfabetização agora. É bastante importante considerar esta dimensão:

O que é o que nós estamos enfrentando hoje no Brasil? Nós buscamos a universalização da escolaridade e buscamos, então, a universalização da leitura e da escrita, num momento muito particular para o desenvolvimento cultural do ser humano. É a primeira vez na história da humanidade que mudanças muito grandes acontecem dentro de uma mesma geração. As mudanças aconteciam antes muito lentamente reunidas de geração em geração. Nós tivemos um desenvolvimento tecnológico muito grande nos últimos 50 anos e esse desenvolvimento modificou, profundamente, as formas de comunicação humana. E a escola é um espaço de comunicação. É um espaço de comunicação entre adultos e crianças, de comunicação entre várias gerações.

Desta forma, mudanças são necessárias nas formas de ensinar, porém, isto não significa que precisemos inventar uma pedagogia absolutamente nova, porque vários aspectos dos processos necessários para a aprendizagem não se modificaram. As atividades de estudo necessárias para a apropriação dos conhecimentos escolares não se modificaram. É muito provável que tenhamos que intensificar mais ainda a utilização de algumas delas para atender às especificidades do desenvolvimento da criança de hoje.

Igualmente, em consequência desse avanço cultural-tecnológico, nós tivemos nas últimas décadas um grande avanço científico no conhecimento sobre o ser humano. Muitos neurocientistas colocam que, em 20 anos nós acumulamos mais conhecimentos sobre o desenvolvimento do ser humano do que em 200 anos de neurologia.

Então, é um momento muito particular da história das idéias e das ciências. O desafio é grande para o Brasil, mas nós também dispomos de muito conhecimento para que tentemos novos caminhos de ensino. Isso não tira a gravidade ou a seriedade da situação de não aprendizagem da leitura e da escrita em que nós estamos, mas é bom nos colocarmos na perspectiva de que é um caminho sólido e nós não estamos inventando tudo agora.

A socialização da escrita

Um dos conhecimentos escolares mais importantes é a escrita. A escrita é um sistema, ou seja, um conhecimento organizado, com regras, padrões e estruturas. É um conhecimento complexo. Para aprender as várias áreas de conhecimento, na escola, a pessoa precisa se apropriar do sistema da escrita. Aprender a escrever, no entanto, vai além disso: faz parte da cidadania, é um direito de todo ser humano. Quando pensamos na dimensão formadora da educação escolar, precisamos considerar que poder escrever, se expressar, entrar em comunicação com o outro são essenciais para o estudante de qualquer idade.

Quando a escrita foi inventada, há milênios, o ser humano percebeu que na vida cotidiana não dava para socializar isso para as próximas gerações na vida cotidiana. Criou, então, a escola. E ela surgiu basicamente como ela é hoje: um espaço reservado, separado dos espaços da vida cotidiana, e um tempo reservado para que as pessoas adultas da espécie que já se apropriaram desses conhecimentos se ocupassem em socializá-los para as novas gerações. A escola até hoje é isso. Na Antropologia, há uma perspectiva muito bonita de olhar para o professor, vê o educador, tanto o que está na sala de aula como o gestor, como aquele ser humano adulto que tem a tarefa especial de garantir a continuidade da espécie.

Então, nós estamos na situação de escola para produzir uma situação de comunicação que socializa as novas gerações, com o que a gente acumulou de desenvolvimento cultural em um determinado momento histórico. Então, essa visão perpassa esses milênios de escola. E, se a gente for estudar a história da escolarização e a história da alfabetização, nós vamos ver que muitos problemas que temos de disciplina hoje, de dificuldades de ensino aconteciam há milênios..

Eu gostaria de levantar alguns pontos a partir do trabalho que temos participado em várias prefeituras em alguns estados do Brasil.

Neurociências e escrita

Começamos vendo o que temos aprendido em relação a como que funciona o cérebro humano. Em algumas áreas há um acervo muito grande de informações como no caso da memória, da linguagem e, também, da consciência.

Em relação à memória, nós sabemos que o ser humano tem vários tipos de memórias, não um só. Alguns tipos de memória são necessários, absolutamente, imprescindíveis para as aprendizagens daquilo que chamamos de conhecimentos escolares.

O cérebro leva aproximadamente 20 anos para amadurecer e neste período, desde a concepção até mais ou menos o vigésimo ano de vida, nós temos marcas biológicas que vão ser iguais para todos. Por exemplo a memória: temos uma memória ativa na infância que funciona de maneira diferente da memória adulta. A este desenvolvimento da memória está ligado o corpo caloso, que é um feixe de fibras que nós temos no cérebro unindo o lado direito ao lado esquerdo. O corpo caloso também leva, pela genética da espécie, 10 anos para amadurecer. A ele estão ligadas a memória e, também, a oralidade. Nós sabemos que oralidade da criança inicia já na vida intra-

uterina, com a maturação do sistema auditivo, e vai até 10 anos de vida, mais ou menos. O que significa que quando se alfabetiza, o educador está trabalhando na escola com uma criança que está num processo progressivo de maturação desse corpo caloso, de desenvolvimento da oralidade e de mudanças de processos de memória.

Eu considero fundamental que os educadores saibam mais sobre memória e funcionamento da memória. Porque ser professor, ser educador é sempre interferir na memória do outro. não se pode tratar uma criança de 8 anos como trata uma de 6, porque a memória funciona de maneira diferente, a oralidade está em outro estágio de desenvolvimento..

Outra coisa bastante importante é que nós sabemos hoje que leitura e escrita são práticas culturais, elas são resultado de apropriação cultural. A escrita é uma manifestação da função simbólica, mas não há uma carga genética para ler e escrever como temos para falar. O ser humano tem uma genética para desenvolver a fala que é uma manifestação da função simbólica. Entender o que é função simbólica é crucial para o educador.

Função simbólica também se desenvolve, ela tem períodos, ela tem características. Uma das manifestações primeiras da função simbólica no ser humano é a capacidade de falar, de construir a fala. Pode ser com a voz, com o aparelho fonador ou pode ser com o movimento. Hoje já está bastante demonstrado que a aprendizagem da linguagem de sinal se dá do mesmo modo que a linguagem sonora. E, aí há uma revelação muito importante: o ser humano tem no movimento uma grande complexidade e uma grande capacidade para a construção de imagens mentais.

O movimento é uma estratégia fundamental do desenvolvimento na infância. O movimento forma imagens mentais. Hoje, nós temos desenhos de crianças cegas, que nasceram cegas, e que desenharam normalmente porque isso é constituído no cérebro a partir dos outros sentidos, não só da visão.

A escrita é um produto cultural, ela surge de outros marcos de desenvolvimento cultural da espécie que são os desenhos nas cavernas, que foram as primeiras representações de imagens que o ser humano realizou há 25 mil anos. Demorou mais 20 mil anos para chegar na escrita, então, a escrita é um produto da evolução cultural, e todo ato de escrever é uma prática cultural, é uma apropriação cultural. Nós não temos genética para isso, nós temos genética para função simbólica que nos permite fazer isso, ou seja, inventar um sistema simbólico e se apropriar dos existentes, como a escrita.

A escrita tem duas propriedades distintas: ler e escrever. Hoje, nós sabemos, também, que as partes desenvolvidas no cérebro na escrita não são, exatamente, as mesmas desenvolvidas na leitura. São duas atividades distintas. Então, o ser humano pode aprender, perfeitamente, uma língua e não saber escrevê-la. E, por ensinar a leitura não se tem diretamente a aprendizagem da escrita. Há uma confusão muito grande em relação a isto. Em alguns países, na França, por exemplo, nós não temos a palavra alfabetização, eles sempre se referem à aprendizagem ou ensino da leitura e à aprendizagem ou ensino da escrita. Quando se tem um livro que fale sobre os dois, o título especifica “**leitura e escrita**”. Então, nós temos que ter hoje um planejamento para o ensino da leitura e um para o ensino da escrita. Elas têm relação entre si, mas não são a mesma coisa.

Há diferenças em relação às áreas cerebrais envolvidas e uma e em outra. A escrita envolve áreas da leitura, pois sempre que a estamos escrevendo, voltamos atrás para ver o que se fez, para retomar o significado, por quê? Por que a capacidade da consciência humana é pequena. O cérebro adulto consegue manter na consciência, mais ou menos, sete elementos ou informações a cada momento. Sete é o ponto médio, sendo a extensão de 5 a 9 – quando se está muito estressado, cinco, e quando você está ótimo, nove. Agora, a criança que se está ensinando, no período que é o de alfabetização (seis, sete anos) não tem essa mesma capacidade de manter sete elementos, ela ainda está desenvolvendo. A criança vai de três até chegar a sete, como nós, mas isso é um processo muito longo. Desta forma, o tempo dedicado à escrita precisa ser adequado às características do pensamento infantil

A situação de não aprendizagem

Quando nós entramos na sala de aula, quando nós pegamos o trabalho de um aluno ou quando o professor nos traz um aluno que não está aprendendo, que não está se apropriando da escrita; isto é muito importante colocarmos isto não como um “aluno que não aprende”, mas considerar “**quando** ele não está aprendendo” Ou seja, entender que o aluno que não está aprendendo está em uma situação de não-aprendizagem agora, o que não quer dizer que ele não **possa aprender** em outras situações.

Nós sabemos todas as situações de ensino?

Não. As pessoas não aprendem todas da mesma maneira e nós, também, não ensinamos todos da mesma maneira. Por isso, temos que ter humildade, nós não sabemos ainda ensinar a todos. Os países economicamente desenvolvidos, também, não resolveram totalmente esta questão, embora eles tenham uma maior materialidade na educação, em todos os sentidos.

Por exemplo, em certas cidades nos Estados Unidos, o analfabetismo funcional pode chegar a 20 – 30 % com escolaridade compulsória, com materialidade, com período integral etc. Quer dizer, os países, ainda, não conseguiram resolver esta questão.

Agora, tem uma coisa muito importante quando estamos discutindo método de alfabetização nestes países: não é o método que define a questão. Nos EUA, por exemplo, a maioria das crianças chega à escola reconhecendo todas as letras e sabendo nomeá-las, porque elas já foram literalmente bombardeadas com esta informação pela mídia, pelos programas infantis, brinquedos, publicações e, sobretudo, pelo Sesame Street (programa infantil há mais de 30 anos no ar que ensina, diariamente as letras do alfabeto) e, também, pelas canções infantis que ensinam o alfabeto. As crianças chegam à escola com todas as letras na memória. O que não acontece aqui.

Então, as condições do desenvolvimento da memória infantil são mais considerados nestes países. Se não se tem a imagem das letras na memória, como é que alguém pode olhar lá e reconhecer? É a mesma coisa para qualquer um de nós aprender uma língua não alfabética.. Você tem que construir os ideogramas e ter isso gravado na memória para poder fazer alguma coisa com eles, ter um processamento semântico.

Então, conhecer melhor como se dá o desenvolvimento humano, deslocaria mesmo essa discussão do método, porque tem outras questões que são fundamentais. Vocês vão ver em alguns exemplos que darei em seguida de alunos que sabe-se lá porque aprendem algumas letras e não aprendem outras, que conseguem escrever palavras isoladas, mas não conseguem juntá-las em uma sentença. E assim por diante..

Conhecimento pedagógico

Eu estou há três anos trabalhando na prefeitura do Rio, que é uma situação bastante complexa do Brasil, onde o processo de escolarização precisa conviver com situações de violência e exclusão sociais muito agudas. E podemos testemunhar este movimento da busca de achar o caminho, tanto pelos professores, como pelos gestores. Várias alternativas estão sendo tentadas lá, algumas coisas já tem sido realizadas, para as quais estamos focando no conhecimento pedagógico com suporte nos conhecimentos científicos, na pesquisa como parte da solução do problema, ou como parte do diálogo para a solução do problema.

A questão central, para mim, está no conhecimento pedagógico que os professores acumulam e no conhecimento pedagógico que existe em cada escola. Sempre esquecemos da perspectiva da pedagogia. Falamos sempre da perspectiva do conhecimento científico. Mas a solução está na reflexão desse conhecimento pedagógico, na sua otimização e na ampliação dele, para atender às particularidades do desenvolvimento humano,

Os professores tentam várias coisas. Eu tenho uma visão muito positiva dos professores brasileiros, porque tenho trabalhado em outros países, conheço bem situações em sala de aula na França e nos Estados Unidos. Sei a dificuldade de acesso à informação no Brasil e, muitas vezes, da dificuldade que nós temos para evoluir neste país, resolver problemas urgentes básicos. Mas, via de regra, professores e gestores não desistem.

Eu acho que, hoje, nós temos uma luz no fim desse túnel, desta situação crítica de não-aprendizagem que estamos vivendo. Temos uma situação de busca de resposta, algumas já com bons resultados. Eu tenho muito orgulho dessa situação de busca que acontece nesse país: nós temos muitas prefeituras (algumas que eu sei e com certeza muitas que eu não tenho o conhecimento) constituindo um movimento pedagógico, um enfrentamento dessa situação e que vem produzindo conhecimento de ponta sobre o assunto. Infelizmente nesse país, nada é socializado, mesmo dentro do estado as pessoas não ficam sabendo o que está sendo feito, as redes municipais trabalham muito isoladas umas das outras. Quer dizer, nós temos um problema de socialização do conhecimento pedagógico nesse país, mesmo porque nós temos o hábito de olhar o conhecimento pedagógico dos outros países. Conhecer o que acontece em outros países é muito importante, mas não podemos perder a dimensão da educação brasileira. Nós temos conhecimento, que é **enorme**, sobre como trabalhar com a criança que está na situação de não aprendizagem em defasagem idade/série. Nesta diversidade que é o Brasil há uma gama de possibilidades pedagógicas!

Leitura e escrita contribuições das neurociências

Aí, a mídia em nosso país tem veiculado que “Os EUA, a França, estão fazendo isso, aquilo em relação ao método” Mas não se veicula medidas que estão sendo tomadas lá. Vejam uma medida que a França tomou, recentemente, 2002, nas novas orientações curriculares nacionais. Eles colocaram o seguinte: “é obrigatório que o aluno escreva 2 ½ horas por dia, numa escola de ensino integral de sete/oito horas, nós estamos falando de alocar 1/3 do horário de escrita. E está escrita lá: “Escrita da sua própria mão”. Ou seja, o aluno tem que **escrever** em qualquer área do conhecimento, não só na língua francesa, pode ser arte, educação física, geometria, geografia, física...

porém, tem que ele mesmo produzir texto, criar narrativas, formular questões etc. E a escola tem que planejar para garantir escrita diária de 2 ½ horas.

Por que será que a França, um país tão letrado está fazendo isto? Porque é uma coisa óbvia: para ler e escrever você precisa ter prática de leitura e de escrita. Porque leitura e escrita são práticas culturais e apropriação cultural você ganha e perde se não praticar. Porque eles têm aplicado bastante os conhecimentos das Neurociências: da maneira como o cérebro funciona é preciso que se escreva. Escrever significa, realmente, fazer frase, texto, com sintaxe, da sua própria mão.

Ora, muitas das atividades que estão sendo feitas em alfabetização – já fiz esta análise em algumas prefeituras-- são folhas de atividades em que o aluno preenche uma palavra em uma folha mimeografada ou xerocada, na qual quem escreveu quase tudo foi o professor. Então, não é atividade de escrita! É uma atividade de leitura, de compreensão de texto e escrita de uma única palavra. Geralmente, essas palavras escritas são substantivos. Muito do trabalho que a gente tem visto em alfabetização é feito com substantivo. É muita lista de palavras, cruzadinhas, carimbo... enfim, são atividades com substantivo.

O que as Neurociências nos ensinam sobre isto? Primeiro, uma coisa fundamental: que o cérebro funciona por classes gramaticais. Nós temos áreas especializadas para processar substantivos, nós temos áreas especializadas para o processamento de verbos, nós temos áreas de sintaxe e de semântica, e que para escrever uma sentença simples eu preciso mobilizar substantivo, verbo, sintaxe e semântica. O que acontece quando você trabalha só com substantivos? Você desenvolve, muito, as áreas de substantivo. Por isso, que nós temos muitos alunos que dão conta de escrever palavra, fazer lista, mas quando a professora pede para fazer um texto, ele não consegue. Porque? Por que não tem domínio da sintaxe.

Uma outra coisa que as Neurociências nos trazem, que temos usado muito, é a revelação de que a escrita tem uma grande resiliência no cérebro e que a maior resiliência está no verbo de ação. Na verdade, verbo de ação é o que aluno precisa dominar para aprender conceito de qualquer área. Quando constatamos que os alunos estão lendo, mas não entendem o que eles estão lendo, é porque eles não têm noção da semântica do verbo, o que significa o verbo, então, não dá para entender o conceito de física, não dá para resolver o problema de matemática, não dá para desenvolver conhecimentos de história, de geografia, etc.

Então, eu acho que nós estamos diante de uma situação para solução de nossos problemas em relação à leitura e à escrita que é muito boa: porque temos mais conhecimento sobre o funcionamento do ser humano à nossa disposição e nós temos uma história de pedagogia neste país, temos acúmulo de prática pedagógicas voltadas para esta situação particular de não aprendizagem. Na verdade temos um acervo de atividades, neste país, muito grande. Professor inventa de tudo. O que precisamos fazer é a utilização destas atividades em função deste desenvolvimento. Muitas vezes, elas são aplicadas de maneira errada, na idade errada, com tempo insuficiente. Muito freqüentemente o problema maior é a falta de continuidade, a fragmentação em relação ao que é próprio do desenvolvimento infantil e, também, ao que é próprio da aprendizagem da escrita e da leitura.

Então, partindo destes conhecimentos nós podemos pensar em outra formação continuada dos professores, já que, ainda, a nossa universidade não está dando conta disso, quer dizer, nós precisamos mudar mesmo a formação inicial. Eu acho que se tivéssemos um curso no currículo para todo o educador sobre memória, outro sobre função simbólica, outro sobre imaginação, os professores ficariam com muitos mais instrumentos para lidar com esse ser humano que chega à sala de aula, para inclusive ter uma maior sensibilidade e compreensão da dimensão cultural do ser humano e como ela constitui os processos de aprendizagem e desenvolvimento na espécie humana.

Eu acho, que certa maneira, é fácil demandar do educador que seja “sensível à cultura do aluno”, mas a não sabemos nem da nossa. Compreender o conceito de cultura é uma das necessidades mais prementes da educação no Brasil. Porém, como fazer isto, se não somos formados com conhecimentos da antropologia, das semiótica, das artes?

É preciso, sim, rever que conhecimentos estão sendo oferecidos na formação dos professores. Eles são a matéria prima com a qual temos que contar para iniciar um trabalho efetivo de ensino da leitura e escrita em nosso país.